

# A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO <sup>1</sup>	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS <sup>1</sup>	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana	
Rodrigo Dutra Gomes	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros	
Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira	
Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler	
Benhur Pinós da Costa	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola	
Evandro César Clemente	
Nestor Persio Alvim Agrícola	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa	
Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>168</b>

## OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.

**João Henrique Santana Stacciarini**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU/FACIP)

Ituiutaba, Minas Gerais

**Laira Cristina da Silva**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Catalão, Goiás

**RESUMO:** A sistematização do conhecimento geográfico é de fundamental importância para estudantes de Geografia, entretanto, desenvolvê-la não é tarefa fácil, uma vez que a construção deste saber perpassa por inúmeros espaços e as mais diferenciadas temporalidades. Já na Grécia antiga, pós o domínio da escrita, cabe a Heródoto, Estrabão e Ptolomeu a organização de tais conhecimentos. Porém, é apenas no século XIX, com o surgimento das Escolas Alemã e Francesa que a Geografia se institucionaliza, passando a ter papel central no Estado e Sociedade. No Brasil, a institucionalização ocorre pós década de 1930, quando são criados o curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Neste sentido, diversas correntes, pesquisadores e estudiosos contribuíram para a “evolução” desta forma de reflexão até a chegada das primeiras décadas do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caminhos, Pensamento, Geografia.

**ABSTRACT:** The systematization of geographic knowledge is fundamentally important for geography students, however, develop it isn't an easy task because the construction of this knowledge permeates numerous spaces and more different time frames. Already in ancient Greece, after the mastery of writing, it is up to Herodotus, Strabo and Ptolemy the organization of such knowledge. However, it is only in the nineteenth century with the rise of German and French schools that geography is institutionalized, starting to have central role in state and society. In Brazil, the institutionalization occurs after the 1930s, when the course of Geography of the University of São Paulo (USP) and the Brazilian Institute of Geography and Statistics. In this regard, various currents, researchers and scholars contributed to the “evolution” of this form of reflection until the arrival of the first decades of the twenty-first century.

**KEYWORDS:** Ways, Thought, Geography.

### 1 | INTRODUÇÃO

Como qualquer área das ciências humanas, cabe inicialmente destacar que a sistematização do conhecimento geográfico perpassa por inúmeros espaços e as mais diferenciadas temporalidades que, por vez,

podem, ou não, ser interdependentes. Neste sentido, ressalva-se que qualquer tema geográfico a ser explicitado ou pesquisado passa por diversas teses, inúmeros conceitos, múltiplos métodos e diversificadas metodologias.

Sendo assim, para alguns cientistas, o pensamento geográfico é o mais antigo dentre todos. Desde as primeiras civilizações, com as migrações e a diferenciação dos lugares, ele já estava presente na sociedade. Já na Grécia antiga, com o domínio da escrita, cabe a Heródoto, Estrabão e Ptolomeu a organização dos conhecimentos de natureza geográfica, com destaque para sua posição privilegiada no Mediterrâneo em relação a outras partes do mundo conhecido.

Com a chegada da Idade Média e o Feudalismo, a influência religiosa atinge profundamente os estudos de cunho geográficos. Diversas lendas, utopias e medos povoavam as “produções intelectuais” deste momento, onde a igreja, em conjunto com a nobreza, detinha o controle social de toda a sociedade, sendo ainda proibido discordar do pensamento religioso.

Durante a transição do modo feudal para o capitalista, ainda no século XIV, iniciam-se as “Grandes Navegações”, período em que os conhecimentos geográficos têm grande desenvolvimento técnico, visto a necessidade de estabelecer, cada vez mais, uma base cartográfica desenvolvida. A consolidação dos Estados Nacionais ampliam ainda mais a importância destes estudos, os quais passam por desenvolvimento crescente.

Neste sentido, Milton Santos apresenta esses “primeiros passos” dos estudos geográficos como “Generalização da Geografia”. Antonio Carlos Robert de Moraes, por sua vez, apresenta este como sendo o momento de “Sistematização da Geografia”, enquanto Nelson Werneck Sodré dá o nome de “Pré-história da Geografia”.

## 2 | O SURGIMENTO DAS ESCOLAS CLÁSSICAS DE GEOGRAFIA

A partir do século XIX, através do surgimento de duas escolas clássicas do Pensamento Geográfico, a alemã e a francesa, a Geografia começa a ser institucionalizada, passando a ter papel central no Estado e Sociedade. Ambas as escolas são responsáveis pelos principais debates da Geografia Moderna. A alemã, com destaque para os pensadores Alexander Von Humboldt, Karl Ritter e Friederic Ratzel, é caracterizada pelo “Pensamento Determinista”, o qual colocava o homem como produto do meio, com destaque para a descrição e a teoria do “Espaço Vital” – equilíbrio entre uma população e os recursos naturais disponíveis – bem como a notória observação do meio físico em detrimento da quase ausência de interpretações sociais. Vale ressaltar que

[...] os alemães foram importantes para a consolidação da Geografia enquanto ciência, sobretudo, com a contribuição desses intelectuais a Geografia pôde se estabelecer sobre fundamentos científicos autênticos e deixar de ser uma simples descrição do planeta para se transformar em uma ciência baseada na investigação. (MORMUL e ROCHA, 2013. p. 65).



A escola francesa, por sua vez, é marcada pelo “Pensamento Possibilista”, o qual defendia o “Gênero de Vida”, acreditando que a cultura de uma sociedade é capaz de possibilitá-la adequar-se às limitações naturais, transformando-as em vantagens. Desta forma, de maneira contrária ao determinismo, o possibilismo acredita na capacidade do homem em transformar o meio e, conseqüentemente, avalia fatores sociais, tentando indicar essa relação entre homem – meio. Como principais nomes do possibilismo francês, pode-se destacar Eliseu Reclus e Vidal de La Blache. Frisa-se ainda que

Vidal de La Blache propõe um novo método à geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional. As relações homem - meio são encaradas, por essa ótica, com uma abordagem recíproca e harmônica. Além de receber influências de seu ambiente, o homem se apresenta como fator geográfico, transformando a fisionomia da paisagem a partir das possibilidades que cada meio oferece. (FABRÍCIO e VITTE, 2011. p. 320).

Seguindo esses processos interpretativos, na primeira metade do século XX, observa-se o aparecimento de estudos geográficos no continente norte americano, com destaque para os pensadores anglo americanos Richard Hartshorne e David Harvey.

Richard Hartshorne é um marco da Geografia americana por ter introduzido naquele país, de uma maneira nova e metódica, o debate teórico-metodológico na Geografia. [...] Para Hartshorne (1978), a Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência da natureza e da sociedade. Richard afirma que a Geografia deve procurar compreender como os fenômenos se combinam em uma área da superfície terrestre [...] considerando que não há um grupo de fenômenos particulares à Geografia, pois interessam a esta ciência todos os fenômenos que apresentam uma dimensão espacial. (ARCASSA, 2015. p. 01)

### **3 | AS “NOVAS CORRENTES” GEOGRÁFICAS E A GEOGRAFIA NO BRASIL**

Por sua vez, no Brasil, a geografia começa estruturar-se na década de 1930. Em 1934 é criado o curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), que possuía forte relação com a geografia tradicional francesa, sendo que muitos professores atuantes na universidade vieram diretamente da França para o Brasil. Outro marco significativo é a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1936, representando o início da preocupação estatal com o planejamento. Vale frisar, também, a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1934, constituindo um marco fundamental para o desenvolvimento de pesquisas e contribuições geográficas para os estudiosos brasileiros.

Com o passar das guerras e a crescente demanda por planejamento, a “Escola Quantitativa Anglo Americana” passa a estar cada vez mais presente e atuante, contando como base técnica e teórica com a implantação de modelos matemáticos e a utilização da informática. Para Armen Mamigonian este é o contexto da Terceira Revolução Industrial, também chamado por outros autores como o início do período

da globalização, onde as multinacionais levam seu capital produtivo para países capitalistas subdesenvolvidos de diversas regiões do globo.

A “Geografia Quantitativa ou Teorética” (também chamada de Nova Geografia), ganha força no Brasil nos anos 50 e 60, tendo como destaque a centralidade no conceito do espaço e como expoente o campus da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro, onde são realizados diversos estudos geográficos “quantitativos”, em nível de graduação e pós-graduação. Neste sentido,

o surgimento de novas perspectivas de abordagem está integrado na transformação profunda provocada pela Segunda Guerra Mundial nos setores científico, tecnológico, social e econômico. Esta transformação, abrangendo o aspecto filosófico e metodológico, foi denominada de “revolução quantitativa e teorética da Geografia”. (CHRISTOFOLETTI, 1985. p. 16).

Entretanto, contrariando em vários aspectos a “Geografia Quantitativa”, surge à corrente da “Geografia Crítica” ou “Geografia Radical”, tendo como base as ideias marxistas e considerando a luta de classes como questão central para abordagem de um fenômeno geográfico. Grandes nomes como o francês Yves Lacoste, grande crítico da Geografia Tradicional e autor do livro “A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, o francês Jean Tricart, com seus estudos de ecodinâmica, o francês Pierre George e o inglês naturalizado norte americano, David Harley, ingressam a “linha de frente” desta corrente geográfica. Destaca-se ainda a geografia crítica entendida como

uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omitia as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E engajamento visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais. A produção geográfica até os anos 70, afirma-se – embora admitindo exceções: Réclus, Kropotkin e outros – sempre tivera uma pretensão à neutralidade e costumava deixar de lado os problemas sociais (e até mesmo os ambientais, na medida em que, em grande parte, eles são sociais), alegando que não eram geográficos. (VESENTINI, 2004. p. 223).

No Brasil, Milton Santos e Ruy Moreira, dentre outros, destacam-se nos estudos críticos, principalmente a partir do final da década de 1970. A desigualdade social é vista agora como fruto da divisão territorial do trabalho e da hierarquização dos lugares. Milton estuda sistematicamente a relação do Materialismo Histórico Dialético aplicado à Ciência Geográfica, destacando ainda em seus estudos a valorização da dimensão social do espaço, sendo este um conjunto indissociável ao sistema de objetos e ações.

Portanto, ainda durante o período ditatorial militar, a “Geografia Crítica” vive um momento de ebulição com a realização do encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em Fortaleza (1978), vale também destacar que neste contexto temporal, Milton Santos publica o livro “Por Uma Geografia Nova”, que para muitos geógrafos representa um marco no início do movimento de renovação da geografia brasileira.

Paralelamente ao movimento de renovação, algumas outras correntes aparecem, com destaque para as pós-modernas, pautadas nos estudos sobre corpo, religião, individualidade, dentre outros. Na “Geografia Humanista”, destacam-se autores como Yi-Fu Tuan e Armad Frémont que, sob influência da fenomenologia, defendem a valorização dos sentimentos e da subjetividade. Assim,

[...] os geógrafos humanistas argumentam que sua abordagem merece o rótulo de “Humanista”, pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos. [...] Da valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre o grupo e o lugar. (ENTRIKIN, 1980, p.16).

O final da década de 70 e o início da década de 80 são marcados pelo retorno de grandes pensadores e pela volta da liberdade de expressão, fator que permitiu o desenvolvimento de diversos estudos críticos-geográficos. Neste contexto, inúmeros autores se destacam na geografia, nomes como Antonio Carlos Robert de Moraes, Arioaldo Umbelino, Manoel Correia de Andrade, Antonio Teixeira Guerra, Eliseu Sposito, Maria Encarnação Sposito, dentre inúmeros outros.

Entretanto, o processo unitário da Geografia não se efetiva por completo, prova maior é a existência de muitos pesquisadores ainda analisarem sociedade e natureza de forma isolada. Sposito (2011) chama a atenção para as constantes evoluções do mundo contemporâneo, as quais fazem existir uma heterogeneidade de pensamentos e caminhos na Geografia. As novas técnicas (SANTOS, 2000), o avanço da química, da genética e da computação são agora forças motrizes das transformações espaciais, fazendo do planeta um lugar cada vez mais complexo e dinâmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isto, observa-se, no limiar deste terceiro milênio, a ciência geográfica com um papel fundamental enquanto saber sistematizado de grande envergadura que poderá estudar e entender questões complexas presentes no mundo todo, tais como uma população cada vez mais urbana, a presença de 800 milhões de miseráveis num mundo de produções agrícolas abundantes, o choque de culturas antagônicas, a dificuldade em respeitar as diferenças humanas, os avanços técnico-científicos em escalas crescente, o consumismo exacerbado e as conseqüentes diversas formas de degradações ambientais sobre os recursos da natureza, a concentração das rendas e das terras nas mãos de poucas empresas transnacionalizadas, o poder avassalador dos meios de comunicação em massa – legitimadores de processos alienantes, os diversos tipos de tráficos e redes de influências ilícitas, a permanência de um potencial bélico que continua em escala crescente – em detrimento da redução dos investimentos em políticas socioambientais abrangentes para a maioria das populações de cada

região, estado, país e do Planeta Terra como um todo.

Desta forma, diante do apresentado, entende-se que o processo de Construção do Pensamento Geográfico apresenta-se bastante complexo e dinâmico, seguindo os constantes processos de (re)organização do território e dos lugares em todo o globo. Neste sentido, destaca-se o papel central da Geografia e de seus pensadores na análise e construção de um mundo menos desigual, mais justo e humano.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papius, 1989.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ARCASSA, W. S. de. **Contribuições Epistemológicas de Richard Hartshorne à Geografia Moderna**. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/24/richard-hartshorne-geografia-moderna.html>>. Acesso em 20/12/2015.

CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. Segunda edição. São Paulo: DEFEL, 1985.

ENTRIKIN, J. Nicholas. **O Humanismo Contemporâneo em Geografia**. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19 p. 5-30, 1980.

FABRÍCIO, D. C. B; VITTE, A. C. **Paul Vidal De La Blache e a Geografia Francesa: Do Contexto Histórico às Monografias Urbanas**. Cordis. História, Arte e Cidades. São Paulo. n. 6, jan./jun. pp. 301-332, 2011.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

HARTSHORNE, R. **The nature of Geography**. Lancaster: Association of American Geographers, 1939.

HARTSHORNE, R. **O conceito de geografia como ciência do espaço de Kant e Humlboldt para Hetnner**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 28, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

LA BLACHE, P. V. de. **O princípio da geografia geral**. Geographia, ano II, n.6, jul./dez. 2001.

LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer guerra**. Campinas: Ed. Papius, 1988

LACOSTE, Y. **Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante H rodote: revue g opolitique. g ographie et de g opolitique**, Paris, n. 117, 2005. Disponível em: <<http://www.herodote.org/spip.php?article149>>. Acesso em: 12/12/2015.

MORAES, A. C. R. **G nese da geografia moderna**. S o Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, A. C. R. **Geografia – Pequena hist ria cr tica**. S o Paulo: Hucitec, 2003.

MORAES, A. C. R. & COSTA, W. M. **Geografia cr tica: a valoriza o do espa o**. S o Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, R. **O homem estatístico**. In \_\_\_\_O círculo e a espiral. Rio de Janeiro. 1993.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORMUL, N. M; ROCHA, M. M. **Breves considerações acerca do pensamento geográfico**. Geografia Ensino & Pesquisa. Cascavel. vol. 17, n. 3, set./ dez. pp. 64-78, 2013.

RATZEL, F. **La Terra e la Vota**. Geografia Comparativa (Vol. I). Torino: Unione Tipografico- Editrice, 1905. RECLUS, É. A evolução, a revolução e o ideal anarquista. São Paulo: Imaginário, 2002.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SODRÉ, N. W. **Introdução à geografia: geografia e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SPOSITO, E. S. **Caminhos do Pensamento Geográfico**. Curso de Especialização para o quadro de Magistério. UNESP. São Paulo. 54 p. 2011.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: EdUNESP, 2004. 218p.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro. IBGE/SUPREN. 1997.

TUAN, Y. F. **A Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. Cap. 7, p. 143-164.

VESENTINI, J. W. **Geografia Crítica e Ensino**. In: OLIVEIRA, A. W. (Org.). Para onde vai o Ensino de Geografia? 7. ed. São Paulo: Contexto. 1988. p. 30-38.

VESENTINI, J. W. (Org). **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas – SP: Papyrus, 2004.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-80-2

